

OS VOLUNTÁRIOS EM PORTUGAL — UMA ADESÃO DE CORAÇÕES

José Maria Raposo



Deus! Deus! Deus! Ressoe «este inefável nome, fonte de todo o direito, da justiça, da liberdade, nos parlamentos, nas praças, nas casas, nas oficinas...».

Este apelo, feito pelo Papa Pio XII após a invasão da capital da Hungria pelas tropas da União Soviética, provocou em Chiara Lubich uma resposta imediata. A 15 de Janeiro de 1957 escreve na revista *Città Nuova*: «Houve uma sociedade capaz de tirar o nome de Deus, a realidade de Deus, a providência de Deus, o amor de Deus, do coração humano. Deve haver uma sociedade capaz de O recolocar no

seu lugar... São necessários discípulos de Jesus autênticos no mundo, discípulos que o seguem voluntariamente..., um exército de voluntários. *Voluntários de Deus*.

Chiara deu, assim, início a uma realidade dentro do Movimento dos Focolares: os Voluntários de Deus. Esta realidade presente desde o início do Movimento, expressa em todos aqueles que, não adotando o estilo de vida comum característico dos focolarinos, viviam ao seu lado a mesma espiritualidade.

Também em Portugal, os Voluntários de Deus estão presentes desde a primeira hora.

Mesmo antes da chegada das duas primeiras Focolarinas para a abertura do focolar, em 1966, tinha havido já contactos de focolarinos, de passagem por Lisboa, com alguns jovens. Um destes, o Casimiro Prata dos Santos, na altura com 21 anos, conta-nos a sua experiência: «Em fevereiro de 1963 o Gino Bonadimani é-me apresentado pelo José Santos, um paroquiano de Campolide. Eu dinamizava um clube de jovens. Nesse mesmo dia à noite, o Gino encontrou-se com este grupo e falou-nos do Ideal da Unidade. Em fevereiro de 1965 novo encontro com estes jovens, com o Gino e o Maras, outro focolarino, depois do qual fiz uma experiência na Cidadela de Loppiano, onde estive, desde novembro de 1965 até junho de 1966. Durante esse período encontrei-me com Chiara e percebi que a minha vocação no Movimento era a do Voluntário».

Entretanto, o Movimento difunde-se através de encontros pessoais, visitas, pequenos encontros no focolar frequentado por rapazes e raparigas,

homens e mulheres, casais, sacerdotes, religiosas.

O contacto com leigos empenhados na Igreja desencadeia, em muitos deles, uma adesão à espiritualidade do Movimento e a sua integração no Ramo dos Voluntários de Deus. Um destes, o José Moreira, na altura com 44 anos, deixou-nos escrita a sua experiência:

«Em julho de 1966, fui convidado, como leigo, a dar o meu testemunho na Semana das Ordenações Sacerdotais... Concluído o meu depoimento, (...) vieram apresentar a mensagem da sua espiritualidade um grupo de jovens. Recordo que senti, naquele momento, uma determinante chamada do Senhor a uma mais decidida conversão interior. A simplicidade com que expunham e testemunhavam a vida da sua espiritualidade apoderou-se da minha alma. Tive a sensação de encontrar um modo de olhar o cristianismo e o tornar empenhativo e fácil de viver sem o descarnar da sua transcendência. Tinha sido para mim a hora do encontro com um cristianismo vivencial e de comunhão... que (...) desde então enformou a minha vida e dirigiu os meus passos».

Em Lisboa havia também um

grupo de 5 ou 6 senhoras, entre as quais a Teresa Oliva, a Carolina, a Helena, a Gherta, a Conceição Barata... que se reuniam semanalmente e que, juntas, davam os primeiros passos nesta espiritualidade.

Escreve a Conceição Barata: *«Conheci o Movimento e a sua espiritualidade na Mariápolis de 1968. Ali descobri que Deus é Amor, que me amava concretamente e que eu poderia corresponder amando Jesus em cada próximo que me passava ao lado. Experimentei a alegria e a força de poder construir a presença de Jesus sobre a Terra, pois Ele próprio tinha dito "Onde dois ou mais estiverem reunidos no Meu nome, Eu estarei no meio deles". Esta descoberta revolucionou completamente a minha vida!».*

Estes primeiros leigos que tiveram contacto com o Movimento organizaram-se e, em janeiro de 1969, participam num congresso internacional de Voluntários de Deus em Roma.

Entre eles estava o Ricardo Malheiro que nos conta o seu encontro com o Movimento:

«Fui ao focolar e fiquei muito tocado pelo ambiente. Senti-me em casa. Impressionou-me a história do Ideal da Unidade: "Eram tempos de guerra, tudo desmoronava...", o que me levou a fazer uma nova escolha de Deus».

A partir de então constituíram-se em pequenos grupos, dispostos a deixar-se transformar em testemunhas do Evangelho



Página anterior: 2010 – Grupo de Voluntários no Congresso em Fátima.

Em cima: 05-02-69 – No Centro Mariápolis, em Rocca di Papa, Roma: Ricardo Malheiro, Álvaro Forte, José Moreira e Alexandre Guerra. Ao centro, o Joca, que estava em Loppiano e foi encontrar-se com os portugueses.

Em baixo: 1971 – Algumas das primeiras Voluntárias no Centro Mariápolis, em Rocca di Papa, Roma: Gherta, Teresa Oliva, Conceição Barata, Sofia Oliveira, Madalena Pereira, Carolina Malheiro e Irene Moreira.

nos locais onde viviam, em coerência com a espiritualidade da unidade, colhida em encontros semanais.

Esta vida difunde-se um pouco por todo o País – incluindo Açores e Madeira – e vemos nascer novas células de leigos. Hoje em Portugal as Voluntárias e os Voluntários são mais de três centenas.

O que fazemos?

Procuramos viver o Evangelho, individual e coletivamente com todo o Movimento, atuando as obras de misericórdia, de modo a transformar todos os ambientes, a criar um novo paradigma cultural, na arte, na economia, na política, no direito, nas diversas ciências, contribuindo para a construção da fraternidade universal. ●

